



SEÇÃO LIVRE

Colégio de São Paulo, em Goa: um colégio jesuítico no oriente (1548-1558)

College of São Paulo, in Goa: a jesuit college in the east (1548-1558)

Colegio de São Paulo, en Goa: un colegio de los jesuitas en el este (1548-1558)

Felipe Augusto

Fernandes Borges¹

orcid.org/0000-0002-4812-9992

felipe.borges@ifpr.edu.br

Sezinando Menezes²

orcid.org/0000-0002-1518-0783

sLmenezes@uol.com.br

Célio Costa²

orcid.org/0000-0003-1226-7805

celiojuvenalcosta@gmail.com

Recebido em: 10 dez. 2018.

Aprovado em: 28 fev. 2019.

Publicado em: 25 ago. 2020.

Resumo: O artigo aborda a fundação do Colégio de São Paulo, em Goa, pela Companhia de Jesus, bem como apresenta o primeiro período de seu funcionamento, de 1548 a 1558. O Colégio de São Paulo foi fundado em Goa pelos jesuitas a partir das experiências obtidas na direção do Seminário de Santa Fé, fundado pelos portugueses em 1541 e posteriormente entregue à Companhia. De posse do Seminário, os jesuitas fundam, em 1548, o seu Colégio de São Paulo, ficando a primeira casa subordinada à segunda. Os trabalhos de formação de jesuitas europeus e também de nativos continua durante toda a primeira década sendo, em 1558, ordenado no Colégio o primeiro padre nativo, o "canarim" – goês – André Vaz. Procuramos analisar os principais fatos, em busca das linhas gerais de trabalho, dos métodos dos jesuitas no Colégio. Nossas fontes constam das coletâneas "Documenta Indica", organizada por Joseph Wicki e "Documentação para a História do Padroado Português do Oriente", de Antônio da Silva Rego. O recorte temporal utilizado vai de 1548, ano da fundação do Colégio de São Paulo, em Goa, ao ano de 1558, quando ocorre a ordenação de André Vaz. Compreendemos, por meio deste trabalho, que o Colégio de São Paulo foi uma instituição voltada à cristianização e ao "aportuguesamento" das populações nativas na Índia Portuguesa, servindo, de uma só vez, tanto aos objetivos da Igreja como aos da Coroa.

Palavras-chave: Catequese. Companhia de Jesus. Goa. Colégio de São Paulo.

Abstract: The article deals with the founding of the College of São Paulo in Goa by the Society of Jesus, and presents the first period of its operation, from 1548 to 1558. The College of São Paulo was founded in Goa by the Jesuits from the experiences obtained in the direction of the Seminary of Santa Fe, founded by the Portuguese in 1541 and later delivered to the Company. After the Seminary, the Jesuits founded in 1548 their College of São Paulo, the first house being subordinated to the second. The work of formation of European Jesuits and also of natives continues during all the first decade being, in 1558, ordered in the College the first native priest, the "canarim" - Goan - André Vaz. We try to analyze the main facts, in search of the general lines of work, of the methods of the Jesuits in the College. Our sources are from the collections "Documenta Indica", organized by Joseph Wicki and "Documentação para a História do Padroado Português do Oriente", by Antônio da Silva Rego. The temporal cut used goes from 1548, year of the foundation of the College of São Paulo, in Goa, to the year of 1558, when the order of André Vaz takes place. We understand, through this work, that the College of São Paulo was an institution dedicated to the Christianization and "aportuguesamento" of the native populations in Portuguese India, serving, at one time, both the objectives of the Church and those of the Crown.

Keywords: Catechism. Company of Jesus. Goa. College of São Paulo.

Resumen: El artículo aborda la fundación del Colegio de São Paulo, en Goa, por la Compañía de Jesús, así como presenta el primer período de su funcionamiento, de 1548 a 1558. El Colegio de São Paulo fue fundado en Goa por los jesuitas a



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Instituto Federal do Paraná (IFPR), Pitanga, PR, Brasil.

² Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil.

partir de las experiencias obtenidas en la dirección del Seminario de Santa Fe, fundada por los portugueses en 1541 y posteriormente entregado a la Compañía. En posesión del Seminario, los jesuitas fundan, en 1548, su Colegio de São Paulo, quedando la primera casa subordinada a la segunda. Los trabajos de formación de jesuitas europeos y también de nativos continúan durante toda la primera década siendo, en 1558, ordenado en el Colegio el primer sacerdote nativo, el "canarim" - goés - André Vaz. Buscamos analizar los principales hechos, en busca de las líneas generales de trabajo, de los métodos de los jesuitas en el Colegio. Nuestras fuentes incluyen las compilaciones "Documenta Indica", organizado por Joseph Wicki y "Documentação para a História do Padroado Português do Oriente", António da Silva Rego. El recorte temporal utilizado va de 1548, año de la fundación del Colegio de São Paulo, en Goa, al año 1558, cuando ocurre la ordenación de André Vaz. Entendemos, a través de este trabajo, el Colegio de São Paulo fue una institución dedicada a la cristianización y la "aportuguesamento" de las poblaciones nativas de la India Portuguesa, sirviendo a la vez, los dos roles de la Iglesia en cuanto a la Corona.

Palabras clave: Catequesis. Compañía de Jesús. Goa. El Colegio de São Paulo.

Introdução

O objetivo central neste artigo é discorrer sobre a fundação, a trajetória e o desenvolvimento iniciais do Colégio de São Paulo em Goa, na Índia, criado pelos jesuítas em 1548 a partir das experiências da Ordem na administração do Seminário de Santa Fé, doado a eles em 1541. Para tanto, iniciamos com uma retomada da historiografia a respeito dessa instituição, passando posteriormente para uma elucidação dos aspectos gerais de como se organizavam os colégios e o ensino no âmbito da Companhia de Jesus, problematizando, inclusive, a importância de tais instituições para a Ordem.

Em sequência, tratamos a respeito da história, da trajetória de acontecimentos e fatos ocorridos no Colégio de São Paulo a partir de 1548, englobando o início do desenvolvimento dos trabalhos no Colégio. Nos empenhamos, ainda, num balanço dos resultados das ações de educação, catequese e aportuguesamento, empreendidas no Colégio.

O fato de haver instituições do porte do Colégio de São Paulo, em Goa, ilustra, de certa forma, o papel central que a religião cristã ocupava na cultura lusitana. Conforme Paiva (2012), podemos afirmar que, no século XVI, ser português era sinônimo de

ser cristão, visto que o Cristianismo estava no cerne da cultura portuguesa. Decorre daí a necessidade de cristianizar aqueles a quem se queria "conquistar".

Sendo assim, nos espaços de domínio e influência portuguesa, ocorre uma tentativa de "aportuguesamento", isso é, de impor ao outro a cultura, principalmente religiosa, ocidental portuguesa. No entanto, é importante lembrar que as "trocas culturais" que ocorrem no contato entre povos distintos não permitem que esse projeto se realize completamente. O conceito de aportuguesamento (PAIVA, 2006), aqui utilizado, expressa a tentativa dos portugueses de impor, tanto em seus domínios no Oriente quanto na América, sua cultura aos povos contatados. Uma cultura caracteristicamente cristã e católica. O conceito não exclui o fato de que, nessa tentativa, houve trocas culturais, de ambas as partes, com os povos contatados recebendo elementos da cultura portuguesa e esses, à sua vez, recebendo elementos próprios dos povos com os quais entravam em contato.

Nesse sentido, precisamos considerar também a catequese, que era considerada, à época, "toda ação pastoral da Igreja: a doutrinação propriamente dita, a pastoral litúrgico-devocional, o comportamento das pessoas e das instituições eclesiais" (PAIVA, 2006, p. 13). A catequese, o ensino cristão, a vivência diária da religião, carregavam consigo a carga cultural de "ser português". "Pela catequese, ainda que não se comunicasse a vivência com Deus [...] inculcavam-se os valores da cultura portuguesa" (PAIVA, 2006, p. 52). Dessa forma, as atividades da catequese não devem – não podem – ser tomadas como atividades exclusivas da Igreja, independentes dos interesses da Coroa Portuguesa.

O recorte temporal utilizado na pesquisa vai de 1548, ano da fundação do Colégio de São Paulo, em Goa, ao ano de 1558, quando ocorre a ordenação de André Vaz, o primeiro sacerdote canarim (que é como os portugueses chamavam os nativos de Goa) ordenado na Índia. As fontes consultadas são documentos e cartas da época, que constam das coletâneas "Documenta Indica", organizada pelo jesuíta Joseph Wicki e "Documentação para a História do Padroado Português do Oriente", do padre António da Silva Rego.

O Colégio de São Paulo na historiografia

O Colégio de São Paulo já foi objeto de reflexão por parte da historiografia. Essa historiografia, a respeito do Colégio de São Paulo, especificamente, está contida como tema lateral em obras que tratam do Oriente Português, ou mesmo em obras que tratam dos aspectos educacionais ligados à Companhia de Jesus. Há ainda alguns trabalhos mais específicos sobre o Colégio de São Paulo, a tratá-lo ao lado de outros colégios jesuíticos que posteriormente tiveram lugar na Índia portuguesa. Por essa razão, o recorte historiográfico que ora fazemos leva em conta a presença de nosso assunto principal – o Colégio de São Paulo – sendo tratado, de algum modo, em cada uma dessas obras. Dessa forma, o leitor acurado provavelmente sentirá falta de algumas obras historiográficas caras ao tema do Oriente Português. A falta se justifica pelos limites impostos à escrita de um artigo como este, que nos impede, em parte, de realizar uma retomada historiográfica mais ampla. Assim, privilegiaram-se trabalhos em que o Colégio de São Paulo aparece com mais ênfase.

Para Manso (2009, p. 170), ele deve ser considerado o principal dos colégios jesuítas na Índia, sendo por ela também considerado "um dos principais centros de cultura europeia em toda a Ásia". Para a autora, a organização do Colégio de São Paulo não teria diferenças significativas, comparada à organização de colégios na Europa. Outro destaque é a quantidade de línguas diferentes faladas no Colégio de São Paulo, entre oito a dez línguas diferentes entre si. Sobre o que era ensinado no Colégio de São Paulo, a autora menciona o ensino de Latim, Artes, Teologia Especulativa e Moral e Escritura Sagrada. O importante também é ressaltar que a autora ora citada considera os colégios da Companhia "arma' a serviço da evangelização" (MANSO, 2009, p. 170-173) corroborando nosso posicionamento de que tais instituições eram parte do projeto de cristianização e, mais profundamente, de aportuguesamento das populações locais. Outros trabalhos da mesma autora também tratam

da temática em questão (MANSO, 2005, 2010, 2011), sendo, entretanto, desnecessário citá-los diretamente aqui por reafirmarem as visões e leituras já apresentadas no texto supracitado.

Maurício é outro autor que faz uma reflexão sobre o Colégio. O autor posiciona-se no sentido de que, quando os jesuítas assumiram o ensino ainda no Seminário de Santa Fé, havia um "atraso" entre os colegiais, sendo que "havia muitos, quâsi (sic) todos, que sabiam só ler e rezar o ofício e muitos dêles escrever" (1945, p. 178). Ainda segundo o autor, corroborando o que vem sendo por nós mostrado, em 1548 o controle da instituição passou inteiramente para a Companhia, no mesmo ano sendo fundado o "grande colégio de São Paulo, **centro de irradiação evangelizadora de tôda a Índia**, ao qual ficou anexo o Seminário de Santa Fé" (1945, p. 178, grifo nosso).

Tavares (2004; 2007) trata da fundação do Seminário de Santa Fé e da inicial hesitação de Francisco Xavier em assumir a instituição para a Companhia de Jesus. Além disso, em consonância com outros autores aqui também trabalhados, mostra como a experiência com o Seminário auxiliou os jesuítas quando da fundação do Colégio de São Paulo, em 1548.

Já Souza (2000) menciona o fato de que "O Colégio de São Paulo foi a primeira casa de formação dos jesuítas no Oriente, e continuou a ter anexa uma escola básica para os meninos naturais, tal como era a intenção dos fundadores da Confraria de Santa Fé" (SOUZA, 2000, p. 122-123). Manso se posiciona no sentido de que "[...] o Colégio de São Paulo era formado por duas instituições, uma para os que queriam ser padres, sendo obrigados a aprender o Latim Clássico, Filosofia e Teologia Moral, e outra para os que queriam ser literatos e saber Matemática (aparecendo assinalada como contar)" (MANSO, 2009, p. 172, nota 505). Importante ressaltar o papel do ensino de aritmética. Muitos nativos iam "aprender a contar", sem necessariamente desejarem estudar para serem clérigos (SOUZA, 2000, p. 124).

Charles Boxer (2002, 2013) trabalha a questão do Seminário e do Colégio no contexto do debate que faz em sua obra sobre as "relações raciais" no

âmbito da Igreja militante. Portanto, debruça-se e dá destaque à multiracialidade do Seminário e do Colégio, bem como ao fato de que, pelo menos "até a segunda metade do século XVIII", os nativos formados padres nessas instituições "só muito raramente eram admitidos em qualquer das ordens religiosas" (BOXER, 2013, p. 22), sendo, segundo o autor, quase sempre relegados a uma posição de auxiliares do clero regular europeu.

Naturalmente que o padre jesuíta Francisco Rodrigues também tenha percorrido sobre o Colégio de São Paulo em sua *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Um tanto triunfalista em sua descrição, entretanto, o padre nos traz também importantes informações sobre a instituição e, principalmente, relatos um pouco mais detalhados dos padres que nela trabalharam (RODRIGUES, 1931).

Outros autores também têm pesquisas relevantes no que concerne ao estudo dos jesuítas na Índia portuguesa, bem como ao Oriente Português como um todo. Não nos é possível trabalhar diretamente cada um deles, embora seus trabalhos sem dúvida tenham influência nas interpretações e leituras que ora empreendemos. Entre tais autores e obras podemos destacar alguns, tais como: Panikkar (1969), Saldanha (2002), Souza (1994), Xavier (2008), Alden (1996; 2000), Thomaz (1994), Zupanov (1998). Todos esses autores acima citados trabalham, de forma direta ou paralela aos seus objetos, visões e interpretações, sobre o Colégio de São Paulo. Pretendemos, em conjunto com nossas fontes, levar tais interpretações em consideração na continuidade deste artigo.

Os colégios e o ensino na Companhia de Jesus

A educação, principalmente a educação formal, ligada institucionalmente a casas, seminários e colégios, não estava na fórmula inicial de fundação da Companhia de Jesus. Como sabemos, o intuito da ordem fundada por Loiola e seus companheiros era, inicialmente, retomar a Terra Santa para os cristãos.

Não obstante, ao colocar-se ao serviço irrestrito

do Papa e impedidos de rumar à Terra Santa, viram-se os jesuítas compelidos a outras missões, para as quais gradativamente foram enviados, entre elas, as missões orientais portuguesas. E foi, sobretudo, nessas missões que os jesuítas vieram afluír sua vocação educacional. A ação educacional jesuíta foi se desenvolvendo, dessa forma, atrelada e institucionalizada por meio de colégios, fundados, doados ou atribuídos à Companhia de Jesus. Os colégios jesuíticos tornaram-se, dentro das missões, aparelhos amplos. Para além de centro educacional, de catequese e mesmo de formação de clérigos, os colégios passaram a desempenhar as funções de centros missionários, bases de apoio à catequização e a evangelização.

Costa (2004) nos mostra como partiu do próprio Loiola o encorajamento para que colégios e seminários fossem fundados ou assumidos por jesuítas. Se, em 1542, ao chegar à Índia, Francisco Xavier titubeou na decisão de assumir prontamente o Seminário de Santa Fé, talvez por incertezas quanto à conveniência de tal obra (TAVARES, 2007), em 1551 Loiola já defendia, em correspondência aos reis de Portugal e da Espanha, que os colégios e os seminários eram meios tanto importantes quanto eficazes de propagação da fé cristã (COSTA, 2004). O autor ainda defende que, para Loiola, os colégios seriam uma espécie de "nova cruzada", objetivando-se por meio deles levar o cristianismo para aqueles que não o conheciam ou que, conforme acreditava o Geral, necessitassem conhecê-lo da maneira correta. Assim, o Colégio seria, para Inácio de Loiola, "um instrumento eficaz da 'nova cruzada'" (COSTA, 2004, p. 221). Essa visão encontra consonância com o que defende Souza. Ao falar sobre a espiritualidade inaciana, esse autor defende que Loiola passou, com o tempo, de um ideal mais devocional para uma visão mais pragmática da "obra de Deus".

Já Assunção, por sua vez, defende que a Companhia de Jesus "Entendia que, por meio da formação de jovens e adultos, seria possível atingir a salvação de toda a humanidade" (ASSUNÇÃO, 2013, p. 35). Era a educação uma

nova seara a se explorar, e eram os colégios, assim, também, centros de propagação da ação missionária da Companhia de Jesus, da salvação, da religiosidade e da cultura portuguesas.

O Colégio de São Paulo a partir de 1548: a administração e o ensino da Companhia de Jesus

Antes de iniciar a exposição do tópico vale fazermos algumas observações no tocante às nossas fontes. Em sua maioria, neste trabalho, nossas fontes são constituídas por cartas jesuíticas, organizadas e comentadas por historiadores que, além desse ofício, são ainda religiosos. O que desejamos pontuar é que os documentos e cartas apresentam visões de homens, em sua maioria religiosos, jesuítas, que estavam comprometidos com a expansão portuguesa e com a manutenção do Colégio.

Na esteira dessas reflexões, dois trabalhos devem ser aqui mencionados também como condutores em nosso processo de análise das fontes. O primeiro, de Pécora (2008), o segundo, de Lodoño (2002).

Em seu artigo, Pécora faz uma análise dos cinco momentos formais que compõem as cartas dos padres da Companhia de Jesus. Baseados na "*ars dictaminis*", ou seja, na "arte de escrever cartas", os inicianos, segundo Pécora, tinham claros os cinco momentos principais daquela, quais sejam, "*salutatio, captatio benevolentiae, narratio, petitio e conclusio*" (PÉCORA, 2008, p. 39-40). Toda essa metalinguagem, implícita nas cartas jesuíticas, tinha como objetivo principal captar a atenção do leitor para a missão religiosa. Fossem os leitores leigos ou mesmo superiores religiosos, o intuito das cartas era despertar naqueles o desejo de fazer o possível para auxiliar nas missões. Já Lodoño analisa as cartas jesuíticas, mostrando, sobretudo, o caráter de intencionalidade das mesmas. O autor afirma com relação às cartas dos jesuítas que "[...] uma boa parte das cartas teria sido produzida com o propósito claro de edificar [...]", ou seja, o autor destaca que tal escrita "apontava para as ações que serviam

para manifestar a presença divina, estimular a Fé do próximo e infundir piedade. As cartas estavam determinadas pela sua função, seus destinatários e objetivos particulares (LODOÑO, 2002, p. 12). As questões, posicionamentos e advertências propostas pelos autores citados, com relação às cartas jesuítas, permeiam nosso olhar sobre elas, além do que entendemos ser importante estender tais cuidados às demais fontes também, mesmo que não sejam todas originárias de membros da Companhia de Jesus.

A partir de 1547, com as mortes do padre Diogo de Borba e do vigário geral Miguel Vaz, fundadores do Seminário de Santa Fé, este acabou por estar inteiramente em mãos jesuítas. Tendo a experiência no Seminário já acumulada desde 1542, quando iniciaram sua cooperação na instituição, os jesuítas fundam, em 1548, o Colégio de São Paulo, subordinando o Seminário de Santa Fé a ele.

Uma das questões a que nos propomos aqui é tratar o assunto do financiamento da instituição. Todo o projeto colonizador, evangelizador, de colonização e aportuguesamento precisava ser, de uma ou outra forma, financiado. Havia custos para o trabalho a ser empreendido, custos monetários e custos humanos, financeiros e de pessoal. A questão do financiamento, tanto do Colégio de São Paulo quanto do Seminário de Santa Fé é constantemente retomada na documentação, por alvarás, dotações etc. Assim, de forma direta ou paralela, a questão dos custos é sempre retomada nos diferentes momentos da instituição. Vemos, por exemplo, menção a isso em carta do capitão de Cranganor, João Pereira, ao rei, escrita de Cranganor, em 4 de janeiro de 1548 (apud WICKI, 1948, p. 261-262).³ Tratando sobre o Colégio que havia também em sua localidade, o capitão faz menção aos custos de tais empreendimentos, mencionando o "gasto tamanho que se faz no colegio de São Paulo em Guoa" (apud WICKI, 1948, p. 262). Mesmo que estivesse escrevendo para defender os interesses de um padre chamado Frei Vicente de Lagos e do colégio que havia em Cranganor, a fala do

³ Uma versão mais completa da mesma carta pode ser lida em Rego (1950b, p. 3-8).

capitão João Pereira é emblemática por tratar dos custos dos colégios de um ponto de vista que extrapola a visão unicamente financeira. O "gasto tamanho que se faz", na escrita do capitão, pode ser interpretado, à luz de sua sequência narrativa, como não apenas um gasto de dinheiro – cujos valores nem são mencionados – mas ao gasto de forças, de pessoas, no empreendimento visto como um todo. As menções à falta de pessoal são feitas também em documentos relacionados diretamente ao Colégio de São Paulo, mostrando-nos ainda que a realidade apresentada nos momentos iniciais da catequização da Índia, no que concerne aos baixos investimentos por parte da Coroa mesmo que tenham tido especial atenção no reinado de D. João III, nunca foram totalmente sanadas, pelo menos do ponto de vista dos missionários que lá militavam.

As demandas por mais doações ao Colégio de São Paulo eram frequentes, e as querelas por conta das rendas por vezes exigiam elucidações por parte do rei, governadores, capitães... É nesse sentido que lemos um alvará de D. João III, datado de 22 de outubro de 1548 (apud WICKI, 1948, p. 274-276). O objeto de tal alvará é justamente interpretar uma carta régia, esta de 8 de março de 1546 (apud WICKI, 1948, p. 108-109). O caso é que na carta de 8 de março de 1546, D. João III manda dar ao Colégio 800 mil réis por ano, "pagos das minhas rendas da dita cidade de Goa" (apud WICKI, 1948, p. 109). O problema se instalou quando a administração portuguesa da Índia interpretou que os "800 mil réis" deveriam ser contados dentro das rendas dos antigos pagodes hindus (confiscadas na década de 40 do século XVI), que haviam sido já atribuídas ao Colégio.

Visto tratarmos de um período da história em que, por parte da Coroa, não se tinha distinção entre público e privado, tudo, em última instância, pertencia ao rei. Acreditamos que, ao escrever D. João III que os 800 mil réis seriam pagos "de minhas rendas", instalou-se a confusão, pois, em última análise, as rendas dos pagodes pertenciam ao rei, que, bondosamente, as havia doado ao Colégio, logo a doação posterior contaria dentro da primeira. Evidentemente os administradores

do Colégio não entenderam assim e, depois de algum tempo e pedidos de esclarecimento, tiveram pelo monarca confirmado no alvará de 22 de outubro de 1548 que se tratava de uma doação a mais, além das rendas dos pagodes (apud WICKI, 1948, p. 275). O presente caso, além de curioso, é emblemático, por nos mostrar que a relação entre os poderes eclesiástico e civil nem sempre se dava de forma parcimoniosa ou em harmonia. Havia diversas tensões, embates de ideias, de interpretações, por vezes rivalidades entre capitães e clérigos, entre governadores e bispo etc, grande partes das vezes por simples disputa de poder e autoridade.

Com relação à sustentabilidade financeira do Colégio, podemos acompanhar ao longo da documentação um incremento contínuo das doações, com a adição de mais valores vindos de diferentes fontes, além do forte controle sobre as antigas terras dos pagodes e seus arrendamentos. Por vezes, em Goa, foi ordenado o "tombamento" de tais terras. Para citar um exemplo, por volta de 1550, o então governador da Índia, Jorge Cabral mandou que todas as terras do Colégio – antigas terras dos pagodes – fossem novamente listadas num livro, o "Tombo", e que aqueles que estivessem em posse das mesmas, sonogando seus arrendamentos, fossem notificados e cobrados por tais valores (apud WICKI, 1950, p. 38-41, 41-42, 44-47). Em outros momentos, houve ainda ameaças de castigos e sanções àqueles que insistissem na sonogação dessas terras. Em síntese podemos dizer que a matéria das rendas do Colégio de São Paulo estava sempre em questão.

Os investimentos feitos tanto no Seminário de Santa Fé quanto no Colégio de São Paulo – que eram compostos especialmente pela doação das rendas dos antigos pagodes e de doações régias – parecem ter gerado condições de que, já em 1548, houvesse relatos de resultados do trabalho empreendido. O projeto de colonização portuguesa passava a contar, paulatinamente, com uma massa de agentes dispersores da cultura e da religião cristãs, portanto, de agentes para o aportuguesamento das populações. Veremos na sequência alguns exemplos do que

podemos denominar de primeiros resultados dos trabalhos de catequese e doutrina cristã, feitos no Seminário e no Colégio. São alguns exemplos de narrativas já do ano de 1548 a mostrar tanto a conversão de naturais da terra ao cristianismo quanto alguns trabalhos pontuais que eram empreendidos pelos mesmos – ou por meio deles – na catequização das populações indianas.

Um desses documentos é uma carta escrita da cidade de Goa, a 28 de novembro de 1548, pelo então bispo D. João de Albuquerque ao rei D. João III (apud WICKI, 1948, p. 324-332). O bispo conta ao rei sobre um gentio convertido e batizado no Colégio, destacando ser esse homem de grande influência entre o povo local. O homem, chamado originalmente Loquu, fora batizado e chamado então Lucas de Sá. Segundo o relato era muito rico, próximos às autoridades locais e benfeitor dos naturais da terra, “damdo-lhes esmolas e fazemdo-lhes mercês porque não se tornassem christãos” (apud WICKI, 1948, p. 325-326).

Na sequência, D. João de Albuquerque escreve sua descrição da conversão desse homem, fazendo um paralelo com a história de Saulo de Tarso. O que nos chama atenção no caso é ver a magnitude que tomavam a conversão e o batismo, a forma de celebração, a festa, a suntuosidade que era aplicada ao ritual em si, principalmente quando se tratava de um indivíduo com alguma expressão mais importante na sociedade local, como nos parece ser o caso ora contado pelo bispo. É um exemplo daquilo que Manso propõe ao mostrar que os jesuítas investiram sobremaneira na “ritualização” do culto e dos sacramentos, investindo em “expressões de culto com maior solenidade e magnificência, apostando na festa religiosa como mobilizador de conversões” (MANSO, 2009, p. 15). Principalmente por se tratar de uma figura importante na sociedade gentia local, a suntuosidade do sacramento se justificava para que, vendo os demais que um de seus “principais” se convertia ao cristianismo, tal conversão poderia ser maximizada ao nível simbólico, trazendo ainda outras pessoas para a religião cristã por sua influência.

Vemos no relato citado que toda a celebração

aconteceu no Colégio, para onde foi “toda a cidade”, tanto a população comum quanto os fidalgos. Na grande celebração, Loquu é batizado pelo próprio bispo, tendo como padrinho o governador do Estado da Índia, e pregação no novo reitor do Colégio de São Paulo: não é demais repetir que a cerimônia foi suntuosa. O objetivo: alcançar as populações locais, mostrando, por meio de um exemplo exacerbado, quão honrados poderiam ser aqueles que se tornassem cristãos (apud WICKI, 1948, p. 324-332).

Outro exemplo que queremos levantar é o do japonês Anjirô. Esse japonês, nascido em Kagoshima, conheceu Francisco Xavier estando em Malaca. Convertido ao Cristianismo, foi levado ao Colégio de São Paulo e doutrinado na fé cristã, sendo batizado com o nome Paulo de Santa Fé (BORGES, 2015). O próprio Anjirô escreve, do Colégio de São Paulo, uma carta ao padre Inácio de Loiola, datada de 29 de novembro de 1548, em que conta sua história, de como conheceu Xavier, converteu-se e foi batizado (apud WICKI, 1948, p. 332-341). Esse mesmo Paulo de Santa Fé foi quem guiaria Xavier depois, em 1549, para sua viagem missionária ao Japão (BORGES, 2015). Trata-se de mais um exemplo de um elemento que, ensinado e doutrinado no Colégio de São Paulo, contribuiu para a dispersão da religião e da cultura portuguesas. Auxiliou Xavier a levar a religião cristã ao Japão, sendo, portanto, também um exemplo do alcance da influência cultural e religiosa do Colégio de São Paulo, mesmo fora dos limites do Estado da Índia.

Uma observação importante a ser feita, no sentido do aportuguesamento das populações, que viemos defendendo desde o início do trabalho, é o fato da prática de se adotar o “nome de batismo” para os convertidos. Vejamos: na carta de D. João de Albuquerque assistimos ao gentio Loquu ser batizado e chamado então por Lucas de Sá. O japonês Anjirô é batizado e nomeado Paulo de Santa Fé – em referência clara ao Colégio de Santa Fé, como também era chamada a instituição. Era o abandono do “nome de gentio” para a adoção do “nome de cristão”. Era emblemático, pois o convertido deveria abandonar o deus, ou deuses

gentios, para se dedicar ao Deus dos cristãos; deveria abandonar a amizade dos gentios, para ser amigo dos cristãos; deveria abandonar a família gentia, pois então era "irmão" dos cristãos; deveria abandonar as celebrações, as festas, as vestimentas, os costumes dos gentios, para ser cristão. Implicitamente, talvez inconscientemente até para os agentes evangelizadores, o gentio deveria abandonar a cultura gentia para então possuir a cultura cristã que, conseqüentemente naquele momento, contexto e lugar, era a cultura portuguesa. Em última instância, a fidelidade do neoconverso não deveria mais estar a serviço dos reis, sultões ou príncipes dos gentios, mas sim ao rei dos cristãos, que era, naquele momento e lugar, o rei de Portugal. O projeto colonizador português obteve na religião cristã, portanto, um de seus grandes propulsores, angariando por meio dela o respeito, a fidelidade e a subserviência de grande parte das populações em seus múltiplos territórios coloniais. Não queremos, de forma alguma, resumir o projeto colonizador português à religião: evidentemente o braço da Coroa, a força militar e seus instrumentos repressores – simbólicos ou com uso efetivo da força – também são uma variável importante na equação, estamos apenas a ponderar a força do aportuguesamento empreendido por meio da catequese e do batismo, a começar pelo próprio nome e a estender-se por inúmeras facetas da vida dos novos cristãos.

Outro exemplo ainda a ser mencionado como resultado preliminar do alcance do Colégio de São Paulo está contido numa carta do padre Paulo de Camarte – o chamado Micer Paulo –, escrita do Colégio de São Paulo, em Goa, ao padre Simão Rodrigues, provincial português da Companhia de Jesus, datada de fins de dezembro de 1548 (apud WICKI, 1948, p. 344-349). Na missiva o padre descreve atividades do Colégio, dá notícias sobre alguns padres da Companhia e, em dado momento, escreve a Simão Rodrigues: "Do P^e. Belchior Gonçalves [...] Acompanha-o hum mancebo de casa que prega na sua lingua; e assy

anda o P^e. mestre Gaspar com outro mancebo de casa que prega em sua lingua canarym" (apud WICKI, 1948, p. 346).

Vemos já em 1548, por meio do relato acima transcrito, um rapaz "de casa", isto é, dos internos do Colégio, que acompanhava o padre Belchior, pregando em língua nativa. Certamente que tal fato representa uma parte do que vem sendo defendido: a capilaridade que adquiriu, com o tempo, o ensino, a catequese, as letras e a cultura ministradas por meio da formação dos jovens no Colégio de São Paulo. Outro exemplo a enriquecer a análise é mostrado em carta do padre Nicolau Lancelote a Inácio de Loiola, escrita de Coulaão, em 29 de outubro de 1552. Na carta, Lancelote elogia o padre Henrique Henriques, residente àquele momento no Cabo de Camorim. Segundo o relato, o padre Henriques havia, com auxílio de nativos, confeccionado um livro em "malabar" com alguns conceitos cristãos, tais como os de criação do mundo, crucificação de Cristo etc... E por esse livro ensinava em língua autóctone, e, além disso, homens nativos, considerados pelo padre como "virtuosos" também ensinavam os nativos em lugar do próprio missionário (apud WICKI, 1950, p. 376-384). É mais um de diversos exemplos de uso das línguas nativas⁴ para a catequese nos povos. Estudos recentes apontam para a escolha das línguas nativas como forma de deixar a mensagem do evangelho mais próxima, talvez mais palatável aos indianos – posição que pode também ser exacerbada para as missões jesuíticas em outros locais, como a América Portuguesa, por exemplo (BORGES, 2015).

Continuando a discussão sobre a questão da catequização em línguas nativas, vemos na documentação que uma das atividades de muito destaque destinadas aos alunos nativos do Colégio de São Paulo era o trabalho de tradutor, "línguas", como eram denominados. Uma das exigências e discussões ainda na implantação do Seminário de Santa Fé era sobre a idade necessária aos meninos que seriam recebidos. Eles não deveriam ser nem velhos e nem novos

⁴ Zupanov faz reflexão sobre o uso das línguas nativas para conversão em capítulo intitulado "Do Sinal da Cruz à Confissão em Tâmul: gramáticas, catecismos e manuais de confissão missionários na Índia meridional (séculos XVI-XVII)" (ZUPANOV, 1998).

demais. Caso fossem velhos, a sua cultura e a sua religião estariam muito enraizadas. Caso fossem muito novos, poderiam esquecer as línguas nativas. O cultivo da língua nativa por esses indivíduos era elemento caro aos objetivos que os padres lhes guardavam (BORGES, 2018).

Cabe ainda lembrar que uma das queixas recorrentes dos padres nos primeiros anos de missões, e mesmo de Xavier quando era recém-chegado à Índia, era de que a pregação por tradutores seria precária, pois estes, na maioria das vezes, não conheciam sequer os rudimentos da doutrina cristã, tornando a tradução complicada e, inferimos, muitas vezes distorcida. A estratégia jesuíta era dominar as línguas locais, o que não era tarefa fácil. Portanto, elementos cristianizados e ensinados, como os meninos residentes no Colégio, poderiam, sem dúvida, serem melhores "línguas" do que indivíduos sem formação cristã. E alguns assim o foram, como vemos em um exemplo de um rapaz enviado, por Francisco Xavier para Baçaim, a ser "língua" para o padre Belchior Nunes Barreto, como mencionado pelo missionário em carta de 1552 (apud REGO, 1951a, p. 124-126).

O Colégio era ainda um centro evangelizador, um centro de dispersão da cultura cristã portuguesa para a Índia: era o local a que chegavam, ficavam e de onde se enviavam os padres e irmãos jesuítas que desembarcavam na Índia, mas não apenas estes eram dali enviados às missões. Ao que nos mostram as fontes, também os meninos criados no Colégio, tanto os órfãos quanto os "filhos dos homens principais", eram por vezes enviados de lá para outras localidades a auxiliar na missão catequética. É o que nos mostra a carta geral do Colégio de São Paulo, escrita pelo Frei Ludovico Fróis para a Companhia de Jesus em Coimbra em 1 de dezembro de 1552 (apud WICKI, 1950, p. 445-491). Nela, o frei conta: "Desta armada que aguora vai pera Urmus, [...] pediam ao Padre Padres et Irmãos pera levarem consigo, e dos meninos orphãos pera reprenderem os juramentos e consolarem os doentes e feridos; [...]" (apud WICKI, 1950, p. 484). Não ficamos apenas nesse exemplo, mas também podemos corroborar a informação

com relato sobre a Costa da Pescaria, escrito pelo padre Henrique Henriques para o Geral da Companhia, em 13 de janeiro de 1558 (apud WICKI, 1956, p. 18-38), dando-nos assim uma visão mais adiantada – cronologicamente – sobre o assunto. O padre Henriques assim escreve: "Dos moços que se emsinarão em ho colegio de Coulão e outros ensinados de Guoa, estão jaa espalhados por alguns luguares da Costa; delles são filhos de homens principaes, outros d'omens honrrados" (apud WICKI, 1956, p. 29). O padre Henriques prossegue asseverando quais seriam suas esperanças: "Esperamos que ao diante se resulte muyto mais fructo delles, porque, vindo elles a ter o mando, diguo, a serem os principaes no lugar, podem aproveitar não pouco aos outros" (apud WICKI, 1956, p. 29).

O relato do padre Henriques é um pouco diferente do relato anterior, mas, do ponto de vista dos resultados, convergem num mesmo sentido. Enquanto no exemplo anterior meninos órfãos, criados e ensinados no Colégio de São Paulo eram enviados para serem como que "auxiliares" nas missões, no relato do padre Henriques vemos moços filhos de "homens principais" ou ainda de "homens honrados" que, ensinados nos Colégios de Goa ou de Coulão, voltaram para suas localidades, não necessariamente como sacerdotes, mas como elementos de destaque cristianizados, portadores, eles também, da religião cristã e da cultura portuguesa. Por assim dizer, eram elementos aportuguesados. A expectativa que o padre guardava era a de que, quando esses indivíduos fossem os principais, os líderes locais, levariam então consigo grandes partes de seu povo à conversão, ou, na linguagem dos próprios padres, "fariam fruto". Cabe sempre fazer novamente a observação de que tais afirmações não pressupõem, sob nenhuma hipótese, uma total substituição das culturas locais pela portuguesa, mas consideramos mais um processo de hibridização das culturas, o que, sob certa ótica, já auxiliava consideravelmente o projeto colonizador português.

Os jesuítas de maneira geral e, também, na Índia, investiram muito tempo e esforço na

catequese e ensino das crianças (BORGES, 2015). Nos trabalhos no Colégio de São Paulo não foi diferente: principalmente em relação aos nativos, as crianças mereceram especial atenção dos jesuítas, e isso muito por conta dessas crianças terem, alegadamente, menor ligação com as culturas locais, maior facilidade na absorção do cristianismo, domínio das línguas autóctones. Podemos ler uma das narrativas a esse respeito em carta do padre António Quadros, escrita de Goa ao provincial lusitano Jacó Mirão em 6 de dezembro de 1555 (apud WICKI, 1954, p. 329-354). Nela o padre conta sobre a escola de ler, escrever e doutrinar do Colégio e de como os meninos, uma vez ensinados, tinham ordem – e a cumpriam, a crer no relato do padre – de repassar os ensinamentos aos parentes e empregados de casa. Assim, o uso dos “meninos pregadores” (PAIVA, 2006) parece ter sido também na Índia uma grande ferramenta de maximização dos esforços de evangelização empregados pelos jesuítas. Podemos ver, a partir das fontes, que a cobertura de tal ensino e doutrina era tão grande em Goa que, segundo afirma o frei Aires Brandão em carta ao Geral, escrita em 1555: “De maravilha se achará moço de XV annos pera baixo que a nom saiba de cor toda la doutrina cristã” (apud WICKI, 1954, p. 369).

A esperança dos padres era posta nessas crianças, moços e rapazes que eram doutrinados e ensinados no Colégio de São Paulo. Não é à toa que Xavier, certa feita, orientando sobre o ensino das crianças e o batismo de recém-nascidos, escreveu com aparente indignação ao padre Francisco Mansilhas que “[...] os grandes nem por mal nem por bem querem hir ao paraizo [...]” (apud REGO, 1950a, p. 93). Dessa forma, insistia o missionário, os esforços dos padres e irmãos da Companhia deveriam convergir para a doutrina, catequese e batismo das crianças, que, estas sim, poderiam vir algum dia a “dar fruto”.

Vemos que o trabalho de ensino e catequese dos meninos no Colégio de São Paulo parece ter surtido o efeito esperado: depreendemos isso tanto do fato de que a estratégia tivesse se mantido sólida ao longo dos anos de funcionamento do Seminário e do Colégio quanto dos relatos lidos

em que aparentes sucessos das atividades são informados e, por vezes, comemorados, como lemos acima. Além disso, podemos também destacar um trecho de correspondência entre o secretário de Loiola, padre João Polanco, e o provincial português Miguel Torres. A carta é escrita de Roma, por Polanco, e data de 21 de novembro de 1555 (apud WICKI, 1954, p. 302-311). Em certa altura do documento, Polanco escreve: “El enseñar a leer y a scriver a los niños, ya me parece se haze en Goa, y junto con ello la dottrina christiana. Esto conviene continuarlo, porque se estenderá a muchos el fructo [...]”. Em sequência, afirma que não é um trabalho feito na Europa, mas, “[...] con tiempo creo se tomará también por acá [...]” (apud WICKI, 1954, p. 307).

Segundo lemos em Polanco, o trabalho de ensinar ler e escrever, acompanhado da doutrina cristã, era muito bom e deveria ser continuado na Índia. Polanco admite que esse não era um trabalho feito nos Colégios da Companhia na Europa, mas um trabalho importante e poderia, talvez, ser replicado lá também. Estariam as experiências do Colégio de São Paulo a influenciar também os demais colégios da Companhia de Jesus? A nosso ver, podemos inferir que sim, pois, como já afirmamos, tratamos neste trabalho de um período de criação, de implantação dos primeiros colégios jesuítas: certamente as informações sobre as experiências em todas as partes por onde estavam dispersos os jesuítas foram sendo tomadas, uma a uma, a formar o que depois seria o método oficial de educação da Companhia de Jesus. Sendo assim, podemos afirmar que o Colégio de São Paulo foi, sem dúvida, uma importante experiência que foi compartilhada e pensada por toda a Companhia de Jesus.

Anexa ao Colégio, cuidado pelos padres que ali residiam, estava também uma chamada “casa dos catecúmenos”, que consistia num lugar onde aqueles que queriam “se fazer cristãos” – ou seja, que queriam o batismo – ficavam por algum tempo, sendo ensinados na doutrina, antes de serem batizados. Era uma prática interessante, principalmente se comparada às práticas dos primeiros anos de missões na Índia, em que os

padres, segundo o relato das fontes, batizavam nativos que não sabiam explicar a causa ou os motivos de serem cristãos: era a formação da "cristandade do arroz", como observou Boxer (2002).

A variedade cultural, especialmente a cultura religiosa, e as várias línguas faladas pelos nativos por vezes se apresentavam como obstáculos à catequese e à transmissão da cultura. Mesmo com vários anos de experiência da Companhia de Jesus na Índia, com nativos já convertidos, a dimensão das variedades culturais e linguísticas ainda se mostrava como entrave ao processo de catequese. Frei Teixeira, em carta escrita em 25 de dezembro de 1558, descreve que por vezes havia três ou quatro intérpretes, traduzindo a mensagem para todos e que, em outras oportunidades, havia apenas um para ouvir e ser catequizado, mas, para isso, eram necessários também três ou quatro intérpretes, um passando a mensagem a outro, até que fosse traduzida na língua daquele que estava ali para ouvir (apud WICKI, 1956, p. 165-173). Tudo isso nos dá uma ideia da diversidade cultural em que esses padres se encontravam imersos. Não obstante os entraves, segundo o relato do frei muitos eram batizados, sendo depois instados a persuadir filhos, mães, esposas, parentes e amigos de um modo geral a também virem "fazer-se cristãos". Esses catecúmenos, depois de cristianizados e batizados, tornavam-se, eles também, elementos dispersores, propagadores da cultura portuguesa e da doutrina cristã: "Alguns cumprem com o que prometem trazendo seus parentes, vizinhos e amigos a se chatiquizarem, e por nam ficarem em falta nos amostrão dizendo que aqueles são seus parentes [...]" (apud WICKI, 1956, p. 172).

É possível ainda perceber na documentação que, com o passar do tempo, o Colégio de São Paulo se tornou um centro importante não apenas para os membros da Companhia de Jesus, mas para a população local como um todo. Rapidamente – e isso não apenas na Índia – as formas de ser e trabalhar dos padres da Companhia de Jesus passaram a se destacar frente às demais ordens da Igreja, o que levava muitos, de cristãos portugueses a convertidos

nativos, a depositarem naqueles padres sua confiança e admiração. Dessa forma, na Índia, o Colégio de São Paulo se tornou um reconhecido centro do cristianismo e também da cultura e das letras. Segundo os relatos, a Igreja que abrigava as celebrações dos padres, irmãos e alunos do Colégio ficava demasiadamente cheia: assim, algumas dessas "pregações" eram então realizadas no pátio do Colégio, de forma a compreender o maior número de pessoas possível (apud WICKI, 1954, p. 369). Tal centralidade aparece reconhecida também por outros atores sociais, como o rei de Ormuz, que em carta de 1556 afirma obediência "ao colégio" da cidade de Goa, referindo-se à sua obediência à Companhia de Jesus (apud WICKI, 1954, p. 458).

O ensino de aritmética no Colégio de São Paulo também parece ter tido papel relevante no que concerne à atração de indivíduos para a instituição. Podemos encontrar em nossas fontes algumas menções a "ensinar" ou "aprender a contar", conforme vemos em trecho de uma carta escrita em dezembro de 1553, em que os irmãos Francisco Jorge e Miguel Teixeira discorrem sobre o número de alunos e o que eles aprendiam no Colégio. Segundo a carta, os "moços que ensinamos são por todos seiscentos e quarenta e cinco e destes são de casa vinte e seisco; são escrivais 350 e os mais são ledores; os que aprendem a contar serão 40 pouco mais ou menos [...]" (apud REGO, 1951a, p. 331). As referências ao ensino de aritmética também podem ser observadas em outros documentos, como, por exemplo, em carta, já citada, do frei Aires Brandão, feita em 1556: "E nos moços desta ilha de Goa hé feito muito fruto, assi no insino da escola em que os insinão a ler e escrever e arismetica, [...]" (apud WICKI, 1954, p. 575). Da mesma forma um trecho de uma carta do padre Antônio da Costa, escrita em 1558, em que se diz sobre os alunos do Colégio: "Estes se exercitão em aprender a ler e escrever e contar, e estudar em aprender a doutrina [...]" (apud WICKI, 1956, p. 191). Para Souza (1994), o ensino da aritmética no Colégio de São Paulo tinha importante papel no sentido de atrair nativos para a instituição, visto

que "era uma área muito apreciada pelos nativos de mente voltada para os negócios" (SOUZA, 1994, p. 91). Segundo o mesmo autor, não era raro encontrar, inclusive, adultos frequentando as aulas de aritmética. Em outro trabalho, o autor ainda observa que muitos nativos iam para essas aulas de aritmética apenas para "aprender a contar", sem a pretensão de estudar para serem clérigos (SOUZA, 2000, p. 124).

Evidentemente, como vimos, esse ensino de aritmética vinha acompanhado do ensino da doutrina cristã. Os jesuítas se utilizavam do interesse dos nativos pelo aprendizado para, por meio dele, introduzirem também o ensino cristão. Não obstante, parte do que era trabalhado no Colégio de São Paulo voltava-se também à formação de quadros qualificados para os trabalhos do Estado da Índia. Com os ofícios cada vez mais restritos aos cristãos – portugueses ou nativos –, tornava-se premente também dar a esses cristãos a formação necessária a desempenhar tais ofícios, e a aritmética era essencial para isso.

A tudo isso deve ainda ser somado o modo de ser e trabalhar da Companhia de Jesus. Nascidos no calor da Reforma Católica, os jesuítas incorporavam a seu modo de evangelizar formas de trabalho e persuasão até então não vistos na Igreja. Para Thomaz, os padres da Companhia de Jesus "[...] tinham uma organização muito mais desenvolvida e eficaz do que os religiosos que os tinham precedido" (THOMAZ, 1994, p. 253). Sendo assim, os inicianos estariam dispostos a várias atitudes a fim de alcançar seus objetivos, quais fossem, a conversão e salvação das almas, operando, inclusive, o que Boxer considerou conversões forçadas (BOXER, 2002). A conversão, naquele contexto, remetia também à cultura portuguesa. Parece que os portugueses, inclusive jesuítas sob o Padroado Luso, estavam "[...] mal colocados para separar os interesses da Igreja dos do Estado de que faziam parte e discernir a fronteira entre a evangelização e a assimilação à cultura portuguesa" (THOMAZ, 1994, p. 253). Concordamos com Thomaz, mas não sem ressaltar que, a nosso ver, os jesuítas, no Oriente, se tornavam tão mais

intolerantes à cultura alheia quanto lhe permitia o braço do Estado da Índia: em regiões sem controle português, a adaptação jesuítica operava para "tolerar" alguns pontos da cultura local. Nos locais de grande força e controle por parte da Coroa, como Goa, a intolerância era regra e a cultura local era tida como obra do demônio. Os jesuítas usavam o colégio e o braço secular. O colégio com a transmissão das letras e da cultura, entretanto, quando este não era suficientemente forte para completar a missão da catequese, recorria-se ao "braço secular", a força da Coroa para sujeição do gentio. Compreendemos, assim, que a estrutura, o funcionamento, as ações do Colégio eram possíveis pela força do Estado da Índia naquele tempo e lugar: não era coincidência que o Colégio se situasse em Goa, pois era ali, e apenas ali, onde, naquele momento, se reuniam as condições materiais e intelectuais para a realização da empreitada.

Assim, tendo por base toda esta exposição analítica, reafirmamos que a existência do Colégio de São Paulo em Goa serviu, amplamente, não apenas à divulgação da religião cristã, mas também para divulgação e disseminação da cultura portuguesa, dos modos de ser, viver e pensar lusitanos, para aquilo que optamos aqui por denominar de aportuguesamento.

Considerações finais

Para fechar o período histórico a que nos propusemos analisar, neste trabalho, o Colégio de São Paulo, temos como marco a ordenação do primeiro sacerdote nativo formado em Goa. Trata-se de André Vaz, que é também o primeiro canarim – que é como os portugueses chamavam os naturais de Goa – a ser ordenado sacerdote na Índia. Era este o mesmo "André Canarim", que aparece em carta do reitor António Gomes, escrita em 1548, sendo mestre de Latim no Colégio de São Paulo (apud WICKI, 1948, p. 411). A ordenação de André Vaz como padre secular representa, a nosso ver, a coroação, depois de 17 anos, do intuito do vigário geral Miguel Vaz e do padre Diogo de Borba, fundadores do Seminário de Santa Fé (precursor do Colégio de São Paulo).

Um relato da ordenação de Vaz pode ser lido em carta do jesuíta padre António da Costa, escrita por ordem do provincial D. Gonçalo, datada de 26 de dezembro de 1558, aos irmãos da Companhia de Jesus em Portugal (apud WICKI, 1956, p. 174-199). Como mostra o relato do padre, houve grande pompa e exuberância tanto na ordenação de Vaz quanto na primeira missa realizada por este, a marcar a importância do ato perante a sociedade portuguesa e nativa de toda a Índia. Para não perdermos detalhes da narrativa, lemos no excerto o relato como escrito pelo padre Costa:

Antre os Padres que o Patriarcha ordenou este anno de missa, foy hum da terra, da nação canarin, assi por ter as partes necessarias para administrar as ordens como por aver muytos annos que dava bom exemplo de ssi, exercitando sempre em ensinar a doutrina aos meninos christãos em huma ygreja de São João que estaa fora desta cidade, e por ser filho de esta casa e criado nella dos primeyros mininos que no collegio se rrecolherão. Foy lolprimeyro sacerdote desta nação que nesta terra se ordenou. Quiz o Padre Dom Gonçalo que cantasse missa neste collegio com a mais solennidade que podesse ser, a qual disse dia d'Acenssão com diacono e subdiacono e seus padrinhos; officiarão-na os meninos do collegio e com muytos generos de instrumentos; esteve a ella o Governador; despois de acabada a pregação foy a oferta; estava a igreja toda chea de gente nobre portugesa e alguma da terra e sua mãy e parentes, os quais vinhão com suas ofertas a beijar-lhe a mão com as lagrimas nos olhos de prazer. O Guovernador, por lhe fazer honrra e gasalhado, comeo no collegio e teve consigo à mensa os visinhos e amiguos de casa. Festejarão-no com jugar as canas e correr a manilha à porta do collegio que estava bem enrramada. Achou-sse a tudo isto o Guovernador. Foy grande alegria en todos, especialmente nos christãos da terra, os quais lhe tem grande reverentia; ensinão-nos e confissão-nos pola lingua. Esperamos que fará muito serviço a N. Senhor, pois elle foy servido de o escolher e apartar d'antre os outros todos, para confiar delle sua gloria e honrra (apud WICKI, 1956, p. 192-193).

A ordenação de André Vaz em 1558, como primeiro sacerdote goês formado no Colégio de São Paulo, representa, assim, o coroamento dessa missão, o ponto a que se queria chegar. Embora fosse apenas um nativo ordenado em 1558, a ordenação representou muito mais que apenas mais um padre para as missões, representou a completude de um processo de catequese, de

cristianização. Neste personagem, o processo de aportuguesamento e cristianização parece ter sido completo: além de um cristão, tornou-se um sacerdote e, por assim dizer, um elemento de divulgação tanto da religião cristã como da cultura lusa. Dessa forma, vemos que não somente em André Vaz – este é apenas um representante do todo – mas em Goa principalmente, e na Índia como um todo, a influência da formação, da educação e da cultura do Colégio de São Paulo foi sentida. Sobretudo pela influência dos individuos que passaram por sua formação, tendo ou não se tornado sacerdotes, a influência das letras, costumes e cultura portugueses e cristãos, trabalhados no Seminário de Santa Fé e no Colégio de São Paulo, pôde ser sentida muito além dos limites das próprias instituições. Considerando o cristianismo um dos elementos aglutinadores, usados pelos portugueses para manter a unidade de sua rede (THOMAZ, 1994), o papel do Seminário e do Colégio como instituições de sua dispersão e difusão pode ser entendido como essencial para o desenvolvimento do aportuguesamento, contribuindo, inclusive, nos processos de consolidação da influência e controle exercido pelo Estado da Índia.

Referências

ALDEN, Dauril. *The making of an enterprise: the Society of Jesus in Portugal, Its Empire and Beyond, 1540-1750*. Stanford: Stanford University Press, 1996.

ALDEN, Dauril. Some considerations concerning jesuit enterprises in Asia. In: GONÇALVES, Nuno da Silva (coord.). *A Companhia de Jesus e a missão no Oriente*, Actas do Colóquio Internacional. Lisboa: Revista Brotéria – Fundação Oriente, 2000.

ASSUNÇÃO, P. de. Os colégios jesuíticos e a produção e circulação do saber no Império Colonial Português. In: TOLEDO, C. de A. A. de; RIBAS, M. A. de A. B.; SKALINSKI JÚNIOR, O. (org.). *Origens da Educação Escolar no Brasil Colonial*: volume II. Maringá: EDUEM, 2013, p. 31-67.

BORGES, F. A. F. *Educação e Catequese: missionários religiosos a serviço de Portugal no Estado da Índia (1499 A 1552)*. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

BORGES, F. A. F. *Jesuitas no "Estado da Índia": o Seminário de Santa Fé e o Colégio de São Paulo em Goa (1541-1558)*. 256 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá: UEM, 2018.

- BOXER, C. R. *A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2013. (Coleção Lugar na História – 11).
- BOXER, C. R. *O Império Marítimo Português (1415-1825)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COSTA, C. J. *A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.
- LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 43, p. 11-32, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000100002>.
- MANSO, M. de D. B. *A Companhia de Jesus na Índia (1542-1622): Atividades Religiosas, Poderes e Contactos Culturais*. Évora: Universidade de Évora; Macau: Universidade de Macau, 2009.
- MANSO, M. de D. B. Contexto histórico-cultural das missões na Índia: séc. XVI-XVII. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 15, n. 3, p. 406-416, set./ dez. 2011. <https://doi.org/10.4013/htu.2011.153.08>.
- MANSO, M. de D. B. Convergências e divergências: o ensino nos colégios jesuítas de Goa e Cochim durante os séculos XVI-XVII. In: CAROLINO, L. M.; CAMENIETZKI, C. Z. (coord.). *Jesuítas, ensino e ciência sécs. XVI-XVIII*. Lisboa: Ed. Caleidoscópio, 2005. p. 163-181.
- MANSO, M. de D. B. Os Colégios Jesuítas de Goa e Cochim: séculos XVI-XVIII. *Universidade de Macau*. 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/3445>. Acesso em: 4 nov. 2016.
- MAURÍCIO, D. Para a História da Filosofia Portuguesa no Ultramar. I: Índia. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Lisboa, f. 1, p. 176-195, jan./ mar. 1945.
- PÉCORA, Alcir. Epistolografia Jesuítica no Brasil, Grão-Pará e Maranhão. *Revista Estudos Amazônicos*, Belém, v. III, n. 1, p. 39-46, 2008.
- PAIVA, J. M. de. *Colonização e Catequese*. São Paulo: Arké, 2006.
- PAIVA, J. M. de. *Religiosidade e Cultura Brasileira: séculos XVI – XVII*. Maringá: EDUEM, 2012.
- PANIKKAR, K. M. *A dominação ocidental na Ásia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- REGO, António da Silva (org.). *Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente*: Vol. III. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1950a.
- REGO, António da Silva (org.). *Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente*: Vol. IV. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1950b.
- REGO, António da Silva (org.). *Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente*: Vol. V. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1951a.
- REGO, António da Silva (org.). *Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente*: Vol. VI. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1951b.
- RODRIGUES, F. S. J. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*: Tomo Primeiro, Volume II. Porto: Apostolado da Imprensa, 1931.
- SALDANHA, M. J. G. de. *História de Goa* (política e arqueológica): Vol II. New Delhi: Asian Educational Services, 2002.
- SOUZA, T. R. de. *Goa medieval: a cidade e o interior no século XVII*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- SOUZA, T. R. de. O ensino e a missionação jesuítas na Índia. In: GONÇALVES, N. da S. *A Companhia de Jesus e a missionação no Oriente*: Actas do Colóquio Internacional promovido pela Fundação Oriente e pela Revista Brotéria. Lisboa: Brotéria, 2000. p. 117-132.
- SOUZA, T. R. de. O Padroado português do Oriente visto da Índia: instrumentalização política da religião. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, [s. l.], ano vii, n. 13/14, p.413-430, 2008.
- TAVARES, C. C. da S. *Jesuítas e inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)*. Lisboa: Roma Editora, 2004.
- TAVARES, C. C. da S. Francisco Xavier e o Colégio de Goa. *Revista Em Aberto*, Brasília, v. 21, n. 78, p. 121-134, 2007.
- THOMAZ, L. F. *De Ceuta a Timor*. 2. ed. Lisboa: Difel, 1994.
- WICKI, Joseph. *Documenta Indica*: Vol. I. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1948.
- WICKI, Joseph. *Documenta Indica*: Vol. II. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1950.
- WICKI, Joseph. *Documenta Indica*: Vol. III. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1954.
- WICKI, Joseph. *Documenta Indica*: Vol. IV. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu. 1956.
- XAVIER, Ângela Barreto. *A invenção de Goa: poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008.
- ZUPANOV, Ines G. Do Sinal da Cruz à Confissão em Tâmul: gramáticas, catecismos e manuais de confissão missionários na Índia meridional (séculos XVI-XVII). In: HESPANHA, António Manuel (org.). *Os Construtores do Oriente Português*. Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998. p. 155-165.

Felipe Augusto Fernandes Borges

Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM, Maringá, PR, Brasil). Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) em Pitanga, PR, Brasil.

Sezinando Luiz Menezes

Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil). Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM) em Maringá, PR, Brasil.

Célio Juvenal Costa

Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP, Piracicaba, SP, Brasil). Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM) em Maringá, PR, Brasil.

Endereço para correspondência

Felipe Augusto Fernandes Borges
Instituto Federal do Paraná
Rua José de Alencar, 1.080, Bloco Administrativo 1
(Sala de Docentes)
Vila Planalto, 85200-000
Pitanga, PR, Brasil

Sezinando Luiz Menezes
Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5.790 - Bloco H-12 - Sala 16
Zona 7, 87020-900
Maringá, PR, Brasil

Célio Juvenal Costa
Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5.790 - Bloco I-12 - Sala 11
Zona 7, 87020-900
Maringá, PR, Brasil